

INÊS PEDROSA: DESAMPARO & REMEMORAÇÃO EM PROCESSO

Ulysses Rocha Filho (UFG)¹

Resumo: Esta comunicação apresentará o fazer literário presente em romance da escritora portuguesa Inês Pedrosa, entre o político e o biográfico de Portugal e do Brasil (onde vivera a protagonista Jacinta Sousa) em típicos espaços onde se cruzam personagens e histórias de outros continentes enquanto tentam sobreviver à maior depressão econômica das últimas décadas. Para tanto, objetiva-se perscrutar o registro de quatro vozes, no silêncio, para emoldurar a saga da “matriarca” luso-brasileira sendo simulacro da história contemporânea dos países envolvidos. HALBWACHS (2013) ressalta que os fenômenos de recordação e de localização das lembranças não podem ser efetivamente analisados se não for levado em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. O romance *Desamparo* (2015) capta o momento em que Jacinta, às portas da morte, recapitula uma vida de alegrias e tristezas no Brasil, a infância infeliz, a indiferença afetiva do pai em simultâneo com a ausência da mãe, as relações conjugais falhadas, a relação conflituosa com o filho mais velho, a vida no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Assim, será ressaltada a utilização da memória na estrutura romanesca, na História ou na fábula e daqueles espaços percorridos pelos narradores como perspectivas de observação do desamparo em que se encontram país e familiares daquela mulher, após cinquenta anos de ausência física.

Palavras-chave: Identidade; Memória; Anamnese; Abralic.

Enfoques *pedrosinos* recorrentes são ratificados no processo narrativo do romance *Desamparo* (2016), tais como: a amizade, a memória e o erotismo nos romances: *A Instrução dos Amantes* (1992), *Nas tuas Mãos* (1997), *Fazes-me Falta* (2002), *A*

¹Graduado em Letras, Mestre e Doutor em Estudos Literários (UFG). Contato: ulysses.rochafilho@gmail.com.

Eternidade e o Desejo (2007), *Os Íntimos* (2010), *Dentro de Ti Ver o Mar* (2012), *Desamparo* (2015). Além dessa constatação, a urgência de uma narrativa diferenciada, sob diversos ângulos e depoimentos e, não raramente, tipos textuais diferenciados em suas narrativas espiraladas.

Dessa feita, em *Desamparo*, novas perspectivas insurgem: processos narrativos sob a ótica de 05 personagens/narradores, a memória coletiva somatizada às experiências individuais, a (e)migração além do caleidoscópio do “falhanço”/desamparo das relações humanas e da “vida” de personagens que se encontram na fronteira da vida/morte já constantes desde seus primeiros romances.

Um país onde cada um parece existir por conta própria mas sempre muito dependente da opinião dos outros. Um país rural que parece dar uma espécie de imunidade à humilhação “possibilitada pela ausência de cosmopolitismo”, e onde “a rudeza da descrença substituíra os veludos urbanos da hipocrisia”, com um cenário e histórias cada vez mais paralisadoras devido à ausência de valores em todas as gerações.

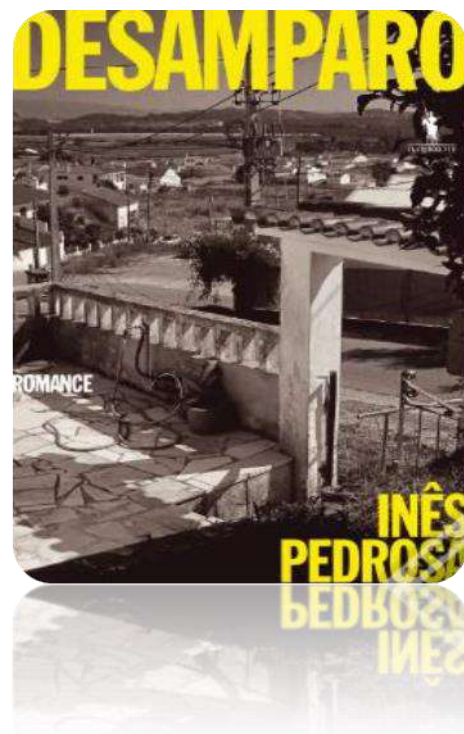
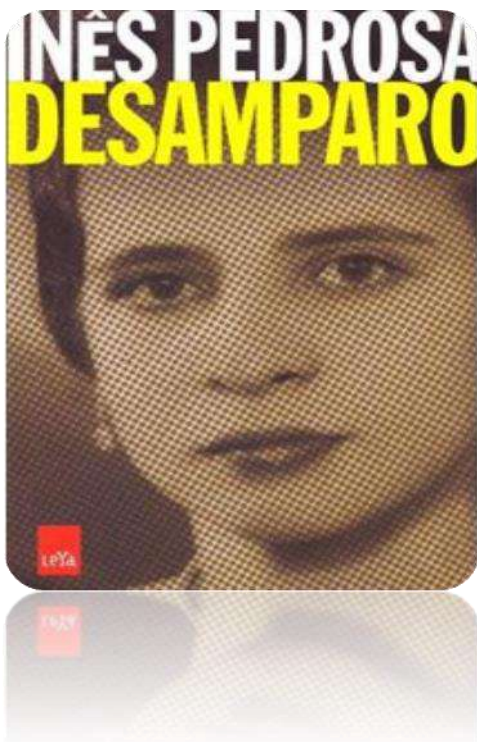
Num momento em que a personagem principal, *Jacinta*, é atingida pelo mais infortúnio destino todos são colocados à prova: qualquer habitante de Arrifes deseja mostrar ao próximo como sempre cuidou, vigiou e acompanhou a idosa “brasileira”. Vidas de aparência, em que o mais importante é mostrarem o bom coração aos vizinhos dos lados e aos de cima e de baixo.

A protagonista, Jacinta Sousa, regressa a Portugal depois de uma vida inteira no Brasil, para uma aldeia (Arrifes) que podia ser qualquer aldeia portuguesa onde imperam o abandono e a solidão. A relação com os filhos, as memórias da vida que ficou para trás, a busca por um lugar ao qual se possa pertencer, são os pontos de referência da personagem e as traves-mestras de um romance forte e atual.

Os ciclos de partidas e chegadas se repetem na trama de *Desamparo*: Jacinta migra para o Brasil com o pai. Meio século depois retorna à Portugal para cuidar da mãe. Raul abandona o Brasil e aterrissa em Portugal tocado pela falta de emprego e pelos relacionamentos falidos no Rio de Janeiro. O trânsito carrega as mazelas existenciais de ambos os sujeitos migrantes.

Em crise diante da rejeição pelo olhar do *outro*, eles procuram superar os desencontros e a solidão por meio de estratégias de sobrevivência na sociedade contemporânea e cada vez mais desigual: “Havia um novo êxodo da cidade para o campo; empresários na falência que entregavam as casas e os carros aos bancos e asseguravam, nas capas das revistas, que o regresso à terra era a solução da crise.” (PEDROSA, 2015a, p. 37).

Um silêncio em bruto, como se o torno do mundo não tivesse ainda começado a rodar», assim principia o romance de Inês Pedrosa em epígrafe, *Desamparo*. Trata-se do sétimo romance da escritora portuguesa Inês Pedrosaⁱ, publicado em 16 de fevereiro de 2015 pelas Publicações Dom Quixote e, também, editado no Brasil em Agosto de 2016 pela Leya (conforme, podemos perceber, nas respectivas capas, que perfilam abaixo) e com alusões, alegorias e imagens diferenciadas – em uma, foto de mulher Jacinta; na outra, representação da cidade/casa:



Este romance principia com a queda de Jacinta Sousa, mulher de idade avançada, no pátio ensolarado da sua casa em Arrifesⁱⁱ («A mulher caiu perto da porta, longe das duas árvores do quintal, sobre a laje ardente, inundada de sol». p. 07). Levada para o

hospital, debate-se em delírios entre a vida e a morte e revisita sua vida, sua saga, enfim, com o intuito primeiro de se descobrir.

Cabe, de pronto, ressaltar que não se trata de obra meramente autobiográfica, conforme o narrador relata suas memórias no tempo da narração, rememora seu passado adormecido e materializa as lembranças desse passado no romance. Nas histórias narradas/contadas/rememoradas, as experiências vividas pelos sujeitos do narrado caminham no sentido contrário, da presença para a ausência, adentrando o esquecimento e também a memória.

Assim, apreende-se os *modi operandi* sobre os quais esses dois percursos são encenados nos discursos (ditos autobiográficos) sobre o percurso da lembrança presente e o percurso do esquecimento passado.

Às portas da morte, a narradora-mor Jacinta rememora sua vida de alegrias e tristezas no Brasil, a infância infeliz, a indiferença afetiva do pai em simultâneo com a ausência da mãe, as relações conjugais falhadas, a relação conflituosa com o filho mais velho, a vida no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Este é o retrato, rememorado, de sua vida aparentemente simplória. O que se caracteriza uma revisitação individual existencialista, na verdade, se metamorfoseia para uma identificação de caráter universalizante.

Outro aspecto preponderante, já aludido, na obra *pedrosina* é a recorrência do tema da morte e os diversos papéis que possa representar, como mote da narrativa e particular alegoria do passado ou ameaça presente no ato narrativo. Em seu best-seller *Fazes-me Falta* (2002) uma das personagens/voz narradora está morta; em *Desamparo* várias pessoas narram os feitos e fatos da epopeia de Jacinta com a intenção primeva de se constituir um mosaico daquela senhora; no romance *Os Íntimos*, considerado como o “romance masculino” de Inês Pedrosa, vários homens rememoram, em uma noite de chuva e presos em um jogo de futebol, as agruras da morte de suas companheiras ou filhas.

Sob esses aspectos pode-se recorrer aos estudos de Sigmund Freud (principalmente no terceiro capítulo) que encontrou, na mitologia, a representação para

as forças opostas, através dos *mitos de Eros*, o deus grego do amor e *Thanatos*, o senhor da morte, em constante dialética.

Sabe-se que a Morte (quase uma personagem nos romances dessa escritora portuguesa) é uma figura mitológica que tem existido na cultura popular desde o surgimento dos contadores de histórias. Na mitologia grega, por exemplo, Tântatos seria o deus Morte, e Hades, o deus do mundo da morte. Em outra vertente, do lado oposto, Eros, a divindade primordial do amor. Mito será, pois, a narrativa de uma criação: contamos de que modo algo, que não era, começou a ser, conforme concepção de Mircea Eliade, em seus estudos sobre a constituição do mito na realidade circunvizinha.

[...] o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história. Estes modos de ser do Mundo não interessam unicamente à história das religiões ou a sociologia, não constituem apenas o objeto de estudo histórico, sociológico, etnológico. Em última instância, os modos de ser sagrado e profano dependem das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos e, conseqüentemente, interessam não só ao filósofo mas também a todo investigador desejoso de conhecer as dimensões possíveis da existência humana. (ELIADE, 2001, p.20)

Inês Pedrosa ousa intercalar os discursos díspares de membros de uma mesma família, de épocas e histórias incongruentes e entrecruzando testemunhos que ilustram três gerações. O romance, através da memória coletiva, torna-se o registro de três gerações da história de Portugal nos atribulados anos do Estado Novo salazarista, ou, ainda, no período de guerras de independência das colônias ultramarinas que se seguiu a 25 de Abril.

Retornando á Jacinta Sousa: começou a viver em Portugal para cuidar da mãe *Margarida*, após uma estadia de cinquenta anos no Brasil, a viver com o seu pai. O enredo, como já mencionado, de *Desamparo* começa com o desmaio de *D.^a Jacinta* no pátio da sua casa e seu retorno à terra natal. Em verdade, através de relatos diversos, constitui-se a história dessa personagem que situa-se entre a nacionalidade portuguesa e a brasileira.

Labirintos narrativos: NarraDORES espiralados

A meio do romance, o filho Raul assume o protagonismo da história e o leitor depara-se então com o impacto que a morte da mãe tem sobre ele. A vida de Jacinta e dos seus pais passa a aparecer pontualmente, através das recordações de Raul. É então que surge a personagem Clarisse, uma ex-jornalista também ela a recomençar a vida em Arrifes e que, por via do amor, vai redimir Raul dos seus fantasmas de culpa e solidão.

Uma vasta galeria de personagens, direta ou indiretamente relacionada com as vidas dos três protagonistas, participa da teia de acontecimentos que se desenvolvem no enredo de *Desamparo*. O regresso à província de portugueses urbanos atingidos pelo desemprego, a desconfiança e o medo face aos imigrantes que procuram Portugal², a queda de qualidade de vida das populações, a persistência da secular violência familiar, a quebra de natalidade e o desmantelamento do Estado social são retratados neste romance.

O cruzamento entre o político e o pessoal, que marca toda a ficção desta autora, é potenciado neste romance em que ação e reflexão se interpelam continuamente, criando uma obra intensa, com ritmo e fluência, articulando ficção e linguagem através de uma escrita clara e despojada, que usa o humor como perspectiva de observação e de iluminação do pensamento. (PEDROSA, 2016, p. 58).

Os ciclos de partidas e chegadas se repetem na trama de *Desamparo*: Jacinta migra para o Brasil com o pai. Meio século depois retorna à Portugal (“a aldeia”) para cuidar da mãe. Raul abandona o Brasil e aterrissa em Portugal tocado pela falta de emprego e pelos relacionamentos falidos no Rio de Janeiro. O trânsito carrega as mazelas existenciais de ambos os sujeitos migrantes.

Em crise diante da rejeição pelo olhar do *outro*, eles procuram superar os desencontros e a solidão por meio de estratégias de sobrevivência na sociedade contemporânea e cada vez mais desigual:

² Como cenário de toda a narrativa – é quase uma personagem –, encontra-se sempre presente o momento histórico de Portugal no início do século XXI, debatendo-se com uma crise económica sem precedentes.

Havia um novo êxodo da cidade para o campo; empresários na falência que entregavam as casas e os carros aos bancos e asseguravam, nas capas das revistas, que o regresso à terra era a solução da crise. (PEDROSA, 2016, p. 37).

O enredo é relatado por quatro vozes que se revezam ao longo dos trinta e cinco capítulos do livro: o narrador, a personagem Jacinta Sousa, o personagem Raul Sousa e a personagem Clarisse Garcia.

Os narradores são vários, alternando ao longo do romance de maneira a desenvolver o retrato sem complacências de um país em crise económica (e talvez outras) que Inês Pedrosa se propôs escrever, tendo como principal pano de fundo um lugar rural imaginário. “Portugal visto dali é uma paisagem medieval com água potável e confortos modernos.” É a partir desta aldeia, ou nesta aldeia, que as histórias se cruzam, e são várias, chegadas de outros lugares em Portugal e no Brasil.

A saga de uma mulher que foi arrancada dos braços da mãe e trazida para o Brasil aos três anos e, mais de meio século depois, volta a Portugal para conhecê-la. Vivendo, como todos nós, num tempo em que a insegurança e o medo parecem ditar o ritmo da vida, Jacinta inicia um movimento de retorno que vai definitivamente mudar a sua trajetória.

No Brasil, eu sempre fui a Portuguesa; em Portugal, passei a ser a Brasileira – está lá no caderninho da conta da mercearia do meu primo Zé Paulo, que não me deixa faltar nada porque sabe que eu pago: não está Jacinta Sousa, está escrito 'Brasileira'. (PEDROSA, 2016, p. 56)

O romance abre um precedente para refletir sobre a condição dos sujeitos migrantes marginalizados, as expectativas, os sonhos e as (des)ilusões dos que chegam e partem, como é o caso das personagens Jacinta e Raul, Jaciara, Clarisse, Laís e Carlinhos, migrantes do mesmo romance.

Nas noites de solidão navego pelas redes sociais, crio um personagem cínico, crítico: provoco, insulto, insultam-me, vou procurando fazer que existo assim», na visão de Raul, que continua a afirmar que há «muito tempo que não troco ideias ou interajo com um amigo de carne e osso. Onde estarão? Emigraram? Com a crise parece que sumiram. (PEDROSA, 2016, p. 126)

Inês Pedrosa escreve, a partir da saga de Jacinta, a história recente do Brasil e de Portugal, dando corpo a um conjunto de personagens inesquecíveis.

A *migração* física dos sujeitos em *Desamparo* está atrelada aos fatores íntimos que levam as personagens a migrar e a encontrar na aldeia o destino português. À exemplo do que ocorrera em *A eternidade e o desejo* e *Dentro de ti ver o mar*, onde os protagonistas têm como destino o Brasil, em *Desamparo* a personagem principal Jacinta Sousa também migra para o país.

Desamparo reflete o estado atual de Portugal, um país simultaneamente amado pela sensibilidade das personagens, sobretudo Jacinta, Raul e Clarisse, e odiado pela racionalidade analítica dos diversos narradores. Um país "desamparado" por uma elite político-administrativa tecnocrática, no qual contam mais as boas contas orçamentais do que a qualidade de vida dos seus habitantes.

A metodologia de escrita, ainda que emotivamente espontânea, parece residir num conjunto concêntrico de abordagens, isto é, parte-se de um facto nuclear (morte de Jacinta de Sousa; fracasso de vida de Raul, seu filho), ampliado posterior e sucessivamente ao nível local e ao nível da vida do país (neste caso Portugal e Brasil, já que Jacinta viveu e casou no Brasil e Raul aí nasceu).

No entanto, tal como Rosa Cabral o fizera no romance de 2013 (*Dentro de ti ver o mar*), a protagonista de *Desamparo* "regressa", por motivos de força maior, a Portugal para resolver os conflitos familiares, sendo este último, o destino almejado por Raul, seu filho.

O romance, à semelhança de um mosaico, apresenta as personagens de forma minimalista ao mesmo tempo que procura definir os seus espaços identitários, descobrindo novos valores (ou procurando entender os antigos). Esta busca de identidade é feita a par de uma tentativa de redefinir pontos de orientação para as suas vidas, de acender faróis na longínqua praia dos afetos ao largo da qual navegam à bolina, isto muito à semelhança de outros romances anteriores dessa autora – temática recorrente nos romances da autora entretanto, sempre diferenciando em sua apresentação e constituição/reconstituição das personagens envolvidas em eventos de sua (constante) epopeia.

Símbolos de suas gerações, seus personagens encontram-se envolvidos na tarefa de arquitetar suas vidas, processo em que a memória, entendida na construção tanto do lembrar como do esquecer, desempenha papel relevante na forma narrativa e na representação de sua personalidade – sempre desconhecida pelos envolvidos na teia narrativa mais próxima – com as imbricações entre a memória individual e social, segundo concepções e aportes teóricos de Maurice Halbwachs e de Aleida Assmann, que refinam o pensamento do sociólogo francês acerca da memória coletiva, de forma a descrever melhor sua complexidade.

Para que essa memória seja resgatada, é indispensável o papel dos narradores (e a forma do narrar, que são plurais) na condução do enredo, penetram no interior dos personagens e desarticulam o tempo, pois é na descontinuidade temporal que, muitas vezes, contrapõe o presente e passado memorialístico. Essa é a temática, sob o olhar das personagens femininas nos romances da escritora portuguesa Inês Pedrosa e temática dos últimos capítulos desse estudo sobre a autora portuguesa.

HALBWACHS (2013) ressalta que os fenômenos de recordação e de localização das lembranças não podem ser efetivamente analisados se não for levado em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória.

No percurso narrativo de Jacinta, Raul, Clarisse, Alice, do tão “ausente” Rafael ou de Ramiro há uma ausência gritante de auxílio e de proteção. São personagens íntimas de uma boa parcela da população portuguesa, com um cenário e histórias cada vez mais paralisadoras devido à ausência de valores em todas as gerações, retratada em vários capítulos da obra.

Inês Pedrosa buscou, conforme depoimentos, intercalar os discursos díspares de membros de uma mesma família (às vezes, “amigos”), de épocas e histórias incongruentes a fim de entrecruzar testemunhos a fim de registrar várias gerações da História recente de Portugal, conforme nos avisa em sua introdução ou motivo de escrita:

Tenho uma relação muito forte com o Brasil. Comecei muito jovem por ler prosa e poesia do Brasil, e é outro mar da mesma língua. A história da literatura brasileira e da portuguesa confundem-se. O Padre António Vieira, pelo qual tenho um enorme fascínio, é português e brasileiro,

numa época em que não havia ainda essa distinção. É uma relação que me interessa trabalhar, e faz sentido na atualidade porque vemos, desde o século XIX, a emigração de portugueses para o Brasil. Existe agora emigração do Brasil para cá, e tem sido pouco tratada na literatura. Nós julgamos que somos muito próximos, mas temos diferenças grandes. Estar no Brasil permite-me olhar para Portugal de outra maneira e vice-versa. Há um distanciamento que amplia a minha visão dos dois países. Sinto-me muito do Brasil. O trabalho da língua portuguesa passa muito por essa ligação, muito mais do que os artigos burocráticos dos acordos ortográficos, e por um conhecimento e reconhecimento entre as duas formas de brincar, trabalhar a aprofundar a língua portuguesa.³

Para que essa memória fosse resgatada, tornou-se indispensável o papel dos narradores (e a forma do narrar, que são plurais) na condução do enredo, pois penetraram no interior dos personagens outros e desarticulam o tempo. Na descontinuidade temporal haverá, sempre, a contraposição do presente com o passado dito memorialístico. Essa é a temática, sob o olhar, não se pode esquivar dessa máxima, das personagens femininas nos romances da romancista Inês Pedrosa e temática das últimas linhas desse estudo inicial da obra em relevo.

BIBLIOGRAFIA:

ADÃO, Deolinda M. **As herdeiras do segredo**: personagens femininas na ficção de Inês Pedrosa. Alfragide: Texto, 2013.

ASSMANN, Aleida. **Memory, individual and collective**. In: GOODING, Robert; Tilly, Charles. *The Oxford handbook of contextual political analysis*. New York: Oxford, 2011, p. 210-224.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DASTUR, Françoise. **A morte: ensaio sobre a finitude**. Tradução de Maria Tereza Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

³<https://www.jn.pt/artes/interior/ines-pedrosa-escrever-e-destruir-a-solidao-4439266.html>

- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREUD, Sigmund. (1923) O Eu e o Id. In: **Escritos sobre Psicologia do Inconsciente**, vol.III. (Luiz Alberto Hanns, trad). Rio de Janeiro: Imago, 2007
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- PEDROSA, Inês. **Desamparo**. Lisboa, Portugal: Leya, 2016.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. **O romance português contemporâneo**. Santa Maria: UFSM, 1986.
- RODRIGUES, Tiago dos Santos. **A alteridade do real ou da in-condição proletária**: ensaio sobre significância e justiça em Emmanuel Levinas. Porto Alegre: Editora Fi, 2017.
- SOUSA, Roberto Acízelo. **Estudos culturais**: descrição de um conceito e crítica de sua prática. **Matraga**, nº 17, p. 63-70, Rio de Janeiro: Caetés/ Letras, 2005.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte**. Metafísica do amor. Do sofrimento do mundo. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- INÊS Pedrosa.com**. Disponível em: <<http://www.inespedrosa.com/index.html>>. Acesso em 03 junho. 2018.

ⁱ Inês Pedrosa nasceu em 1962. Licenciada em ciências da comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, trabalhou na imprensa, no rádio e na televisão. Dirigiu a revista *Marie Claire* entre 1993 e 1996. Foi diretora da Casa Fernando Pessoa entre 2008 e 2014. Mantém há 13 anos uma crônica semanal no periódico *Sol*. Tem 23 livros publicados, entre romances, contos, crônicas, biografias e antologias. A sua obra encontra-se publicada no Brasil, em Portugal, na Espanha, na Itália e na Alemanha. Recebeu o Prêmio Máxima de Literatura com os romances *Nas tuas mãos* e *Os íntimos*.

ⁱⁱ Segundo relatos, a história transcorre em Arrifes, uma pequena povoação a 8 km da Vila de Lagar (uma milenar cidadela medieval), por sua vez próxima de uma cidade de média dimensão, Termas do Rei.